



Brenda Marques Pena (org.)
Instituto Imersão Latina

NÓS DA POESIA

volume 6





FICHA CARTOGRÁFICA

GARCIA EDITORIAL LTDA - 2018
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Pena, Brenda Marques (org.)

Nós da Poesia 6

Garcia Editorial Ltda

120 p; 14x22 CM

1. Poesia brasileira, poesia portuguesa, poesia hispânica, poesia internacional, poesia latinoamericana.

Autores: Alicia Farina, André Silva, Antônio Galvão, Antônio Montes, Avelin Buniacá, Bernardo Gondim, Bilá Bernardes, Brenda Mar(que)s Pena, Clarice Louise, Cristiane Moreira, Daniel de Cullá, Daniela Maia, Helenice Maria Reis Rocha, Eli Rodríguez, Ênio Silva, Giuseppe Camelia Intelisano, Isabel CS Vargas, Isidra de la Vega Lafaurie, Jaak Bosmans, Jaime Londoño, José Luis Machado, José Marinho Filho, Kênia Nicácio, Luiz Otávio Olini, Marco Aurélio Lisboa, Marcos Fabrício, Marcos Maia - Brasil, Marcos Pimenta, Miguel Ángel Asturias, Múcio Goes, Nina Reis, Norália de Mello e Castro, Olga Valeska, Raquel Pedras, Roberto Leal, Rodrigo Starling, Rogério Jorge Braga, Rosangela Ferris, Siboney del Rey, Tatiana Nascimento, Tchello d' Barros, Vicente Ferrer, Zé Abreu.

Comissão editorial e revisão: Bilá Bernardes, Brenda Marques Pena, Giuseppe Camelia Intelisano e Rosangela Ferris

Diagramação e arte final: @betoferris

Impressão: : Garcia Editorial Ltda.

www.editoragarcia.com.br | editorial@editoragarcia.com.br

Todos os direitos reservados ao autor.



SUMÁRIO

Destaque Criança não é brinquedo, por Clara Louise	04
Destaque Indígena, por Avelin Buniacá	08
Destaque Quilombola, por Roberto Leal	09
Alicia Farina - Argentina	12
André Silva - Brasil	16
Antônio Galvão - Brasil	19
Antônio Montes - Brasil	23
Bernardo Gondim- Brasil	26
(2º Lugar Concurso Nós da Poesia 2018)	
Bilá Bernardes - Brasil	29
Brenda Mar(que)s Pena- Brasil	30
Cristiane Moreira - Brasil	34
Daniel de Cullá - Espanha	38
Daniela Maia	39
Eli Rodríguez - Uruguai	41
Ênio Silva - Brasil	45
Giuseppe Camelia Intelisano - Itália/Argentina	49
Helenice Maria Reis Rocha - Brasil	53
Isabel CS Vargas - Brasil	54
Isidra de la Vega Lafaurie - Colômbia	58
Jaime Londoño - Colômbia	63
José Luis Machado - Colômbia	66
(1º Lugar Concurso Nós da Poesia 2018)	
José Marinho Filho - Brasil	69
Kênia Nicácio - Brasil	72
Luiz Otávio Oliani - Brasil	73
Marco Aurélio Lisboa (Homenagem)	77
Marcos Maia - Brasil	80
Marcos Pimenta- Brasil	81
Olga Valeska - Brasil	89
Raquel Pedras- Brasil	93
Rodrigo Starling - Brasil	98
Rogério Jorge Braga - Brasil	102
Rosângela Ferris - Brasil	103
Siboney del Rey - Venezuela	107
Tatiana Nascimento - Brasil	113
Vicente Ferrer - Brasil	115
Zé Abreu - Portugal	116
(3º Lugar Concurso Nós da Poesia 2018)	
Tchello d´ Barros - Brasil	120





CLARA LOUISE

BRASIL - DESTAQUE



Linda menina
Viveu a sonhar
Que tinha na vida
Tudo a precisar

Alma pura e clara
Carregou os sorrisos de seu pai
Que a chamava andorinha de seda
Pela sua grande delicadeza

Em sua vida,
Aprendeu além das letras
As palavras de amor
Que foram tão conhecidas
Até mesmo na dor

Mas em um triste dia
A magia acabou
E tudo o que era claro
De repente se apagou





Seu pai herói
Foi levado por deus
E sua bela mãe
Então padeceu

Não haviam mais escolhas
Não haviam mais saídas
O destino levou tudo
E lhe restaram apenas feridas

A menina que era criança
Tão feliz e sorridente
Agora amadureceu
E virou lembrança
Na vida da gente

Sem mais opções
Seu tio a vendeu por um preço bom
Para ajudar a família
A sustentar seu irmão

O que se via agora era andorinha de seda
Mas pardal deprimido
Sem saber se ia embora
Se existiam saídas

E foi em uma casa sombria
Que a menina percebeu
Que as riquezas da vida
Não eram materiais
Mas felicidade precavida

Foram muitas as lágrimas
Foram muitos os choros
Mas as mágoas que a tomavam
Não impediam calouros





Por causa de uma humilde velhinha
Que de gagá não tinha nada
A liberdade foi concedida
Aquele joia rara

Sua história é tão intensa
Que dali não se acabou
Pela estrada que percorreu
Muita memória ela deixou

A menina que tinha tudo
Para de volta retornar
Lidou com um contratempo
E aí teve de trabalhar

Illegalmente trabalhava
De modo maçante e eminente
ua esperança era tanta
Que por nada largou dessa gente

E foi naquela fábrica ilegal
Que a andorinha percebeu
Como a amizade era especial
E foi o que ela recebeu

A andorinha que era frágil
Pelo sopro de vento
Pela fumaça abundante
Se partiu ao meio
E abandonou o ambiente degradante

E agora lá estava ela
Em cama de hospital
Tão fraquinha
Com medo de ser fatal





Arrependido veio seu tio
Deixando lágrimas escapar
Tendo que dar uma notícia
Que ninguém iria poupar

Sua pobre mãe infelizmente
Havia falecido de tristeza
Deixado seu irmãozinho
E uma família inteira com fraqueza

Coração puro e alma clara
A menina deu o seu perdão
Chorando pelo seu irmão
E com seu coração
Repleto de solidão

A pequena andorinha agora
teria uma responsabilidade
Cuidaria de sua família
Com garras maiores que a de passarinho
Sempre com ternura e carinho

E assim se fez no instante
Uma família que se formou
E a andorinha de seda
Cuidou bravamente
Do seu belo tigre.





AVELIN BUNIACÁ

BRASIL - DESTAQUE INDÍGENA

Verdes lágrimas

Corre o céu, corre o chão sobre as cargas do caminhão.
Carregado de toras que um dia exalaram vida...Vida verde!

É verde a lágrima dos meus olhos
É verde o sangue desta veia
É verde o choro desta seiva

E eu buscando um horizonte onde que não haja seca,
pequenos suspiros de mata, vivendo acuada antes de ser
queimada.

Vida de homem predador, escravos do lucro
vejo o gado branco pisoteando os nossos próprios túmulos.

É verde a lágrima dos meus olhos
É verde o sangue desta veia
Vermelha está a íris desta fumaça negra...

Que engasga o grito da mata.
Que sufoca Grande Mãe.
Que carboniza o futuro...





ROBERTO LEAL

BRASIL - DESTAQUE QUILOMBOLA

Angolafricalindamentelas*

Não desconheço tuas mazelas
conheço bem tuas sequelas,
mas, sei que as tuas donzelas
tem das costelas as mais belas,
de África que assim ti revelas.

Luanda sem mucua não sei
onde o mar nasceu por ali,
ver o horizonte a se banhar
quando é tempo de prosseguir,
mãe zungueira a desbravar
sem nunca ter que desistir.

Bengo do imposto absurdo
a lenda do personificado bangão
rastejando seu corpo maduro,
lutando contra a colonização
derrubou valores predestinados,
foi solidário com sua população.

Chuva na lavra o funge do Uige
é algo forte da Cultura local,
isoladamente que se cultive
os “bagos vermelhos” no quintal,
das fronteiras, grutas e limites
sem feitiço não tem nada igual.

No cavalgar da Palanca Negra
da visão de brilhante cascata,
lapidar pungu andongo in pedra
belezas naturais destacadas,
n’um Malanje sempre em festa
nos campos, safari e estradas.





Tem mboa linda nas Lundas
ainda lá nos Kuanzas também,
como tem muito mais em Cabinda
de Norte a Sul sem desdém,
uma beleza universal feminina
admirada por todos que vem.

Também delas no Namibe tem
se não quiser falar com alguém,
da “terra da felicidade” que leva
celebrando um momento aquém,
das Mucubais e a poesia da Leba
com welwitchia mirabilis além.

Somos camba de Huambo
ou até mesmo Nova Lisboa,
como também Cuando Cubango
que seja angolano de boa,
de onde não importa wi,
que apenas não fale atoa.

Se quiser conhecer o Moxico
“terra da paz” q’eu ti indico,
não sei nem como explicar
vamos comer lá peixe do rio,
mais acordos para assinar
está bwê fix poder lembrar.

Me diga o que vem lá do Bié
conte-me sua verdade. Aié?
Quero saber mais do gindungo
como da ginguba e o cabrité,
são mesmo especiarias locais
pedidos de um gajo qualquer.





Andar no Zaire d'Angola
vê falar kikongo a toda hora,
bakongo em toda tua Banda
os langas aprontando das tuas,
nação com seus braços abertos
com o povo sorrindo nas ruas.

Vistes naquelas Mumuilas
com tuas tetas lá de fora,
carregando a cultura da Huilla
nas córneas que as devoram,
pensando em pousar teus lábios
na sensualidade que delas aflora.

Benguela bem se pode falar
com teus flamingos cor de rosa,
tuas boas vindas são praias
Catumbela, educação e prosa,
Lobito tem pesca de rede e
fresca Cuca por toda orla.

Decerto o deserto do Cunene
onde Wa Ndemofaio reinou,
na mente do povo é presente
no ar seco que mormaço virou,
lembranças que vem do passado
que Ondjiva no tempo espalhou.

Outrora derramaram teu sangue
mártires em luta, paixão e amor,
Agostinho Neto é exemplo de vida
quando Nginga deveras enfrentou,
na luta também de Hoji ya Henda
por um povo que Deus abençoou.

**Poema em homenagem aos povos africanos e quilombolas que por pouco,
depois de protestos e luta não perderam o direito às suas terras no Brasil.*





ALICIA FARINA

ARGENTINA

El Espejo

Tu rostro, mi rostro divisado en el espejo
Tu risa, mi risa se inunda de destellos.
Rostro y risa dialogan en el tiempo.
Desmenuzan, escarban, escudriñan
los recuerdos.

Tu perfil, mi perfil con señas de deseos
Cobijados con mantas de tradiciones compartidas.
El pícaro lunar escondido en los hoyuelos.
Marrones ojos con voz de mil misterios
Gritan en silencio.

Espejo, espejito, espejo de mi cuarto
me devuelves la figura del ser amado.
El color de su andar dulce acaramelado
me acompaña cuando te observo
alucinado.





Un polisíndeton de sensaciones

Y pienso y sueño y espero
Pienso, te pienso desde la vigilia y desde el sueño.
Sueño, te sueño desde siempre, desde entonces
espero hallarte sutil, tierno, amante.
El polisíndeton da efecto de lentitud, sosiego y reflexión
a mis versos mixturados con amor.

O te pienso o te sueño o te espero.
La crisis me nubla la razón
Tu imagen desdibuja mis sentidos
Ni sueño ni espero ni pienso
Soy plena y mujer y puro sentimientos.

El camino de la vida sigue diversas direcciones
O voy al sur o al norte o al oeste
¿En qué punto cardinal está mi saliente?
Me siento polisíndeton en la búsqueda
De mi sol, mi luna, mi oxígeno o tú.





Vi la luz

En octubre vi la luz,
de mi hogar tan campesino.
La tercera en el amor,
de María y Yiyo.

Caminé por senderos,
en busca de mis sueños.
Calciné mis pies descalzos
con los soles de enero.

Aprendí a leer
con mi primer maestro,
a recitar los versos
del eterno Martín Fierro.

Comencé a volar
con alas de primavera
en cada pluma un sol,
en cada sol un deseo.
Disfruté de mil maneras
los laberintos de la naturaleza.

Jugar en los charcos de agua,
pisar las crujientes heladas.
Mi carácter fui templando,
con mil y una experiencia,
mezcladas con el cariño
que hace grande a quien sea.

Comí frutas del monte.
Subí al árbol sin escaleras.
Sentí el sabor del dulce coco,
como así también de su pepa.





Observé a mamá cocer el pan
tan perfecta como ninguna,
a lavar toda la ropa
en el agua de la laguna.

Y así fui creciendo
con todas estas enseñanzas
que marcaron el camino,
que señalaron la cancha.

Al pasar el tiempo
siendo ya una muchacha
¡tuve que colaborar
para levantar la cosecha!

y al yerbal en acoplado
todos juntos marchamos
¡Qué importa la apariencia,
había que cubrirse las manos...!

Todo esto me enseñó
a valorar el estudio,
a visionar para otros lares,
a ser gente precavida,
a no apabullarme ante el esfuerzo
a valorar la vida.





ANDRÉ SILVA

BRASIL

lhadas

Diante da avenida
Contando carros, passando a vida
Na avenida
Asfalto duro, seco, sujo
Sem vida
No ponto de ônibus
Na avenida
Esperando a vida contando carros
Ela via
Pessoas ilhadas de pessoas
Sem vida
Parece até o asfalto
Duro, seco, sujo
Sem vida.





Nossa verdade

Não, não te esqueci
Só não te liguei
Sei, alguém estava aí
Não com a verdade de que eu estou aqui
Mas um outro alguém estava aí
Ele pode até ficar 365 dias e alguns meses
E daí?

Só vai estar aí
Sua mentira de outro alguém
Não te engana mais como no início
Essa mentira não te aguenta
Você dorme e acorda mentindo para a mentira
Sabendo que é mentira

Quando caía o sono
Você não adormecia sem dizer meu nome
Será que esse alguém já escutou?
Se escutou

Guardou a verdade que existe
Entre ele e você
Entre você e eu.





Zig Zag do Símbolo

Esse empate, zig zag
que o mundo fundo inventou...
Oração pastor e padre
todos estão vendendo votos
com o nome do senhor.

Tem um gingo que não ginga
direto p'ro salvador
dinheiro, ganhando grana
no palco desses bacanas
no eco d'algum cantor.

Gingo, forjado no símbolo,
osso da simbólica trança,
que a simbologia criou...
Símbolos feitos de anciã
simbologia de uma herança
que os lordes do mundo inventou.

Esse gingo manuscrito
que o grito da dor cantou...
Um gingo feito por rico
contraventores e proscritos
sobre ventos do horror.





ANTÔNIO GALVÃO
BRASIL

Hoje é tudo

Hoje é tudo
Que importa

Hoje é divino
Os segundos, os minutos

O passado
É história

O futuro
O imprevisível

É o agora
Que vale a pena

A riqueza da vida
A essência do sentimento

O indizível tempo
Ninguém tira

O patrimônio deste
Infinito instante

Hoje é o melhor
Dia de nossas vidas





Cantarolar, ler,
Poetar, ver, chorar,
Sorrir, espreguiçar,
Deitar, amar, revoltar,
Chorar, calar...

Por hoje
Apenas hoje
Somos mago do
Aqui e agora

Hoje somos dono,
Do efêmero, fugaz
É eterno
Tempo do presente

Hoje escolhemos as flores
Para não tocar
Nos espinhos do
Ontem e do amanhã

Hoje é presente
Da vida
Dado pelo Mistério
Para cultivo da Alma.





Morte, último ato de coragem

Morrer é pra gente corajosa
Por que quem gosta de viver
Nunca serve a cova

Morrer é pra gente Imortal
Da Academia, dos monumentos, das pirâmides

Por que a gente que gosta da brisa, do beijo,
das flores, das cachoeiras, do riso
Não cultiva jazigo ou lápide

Na última frase estará gravado:
“Foi sem quer ir
Pois ainda tinha “Versos pra bordar”

Se no céu tiver bloquinho de papel
E uma pena e tinteiro, continuaremos desfiar poemas
Para os anjo e os amigos do Além

Morte é pra gente apressada e estressada
Morte é pra gente destemida

Morro de medo, de morrer pela manhã e não poder comer um pastel
E tomar um cafezinho no Café Nice.





Gente sem tempo

Sei que não é seu caso
Sei que desfruta a vida
E convive agregado de leveza
Mas confesso que
Tenho “horror” de
Gente Sem Tempo
Nunca olham nos olhos
Não escuta ninguém
Só falam de si
São monotemáticos
Repetem a ladainha
E sermão ideológico e filosófico
São surtados, egoístas e narcisistas
Tenho “pavor” de gente
Que vive correndo de si mesmo
Não olha pra dentro
E fica pulando, mexendo
Irritada com tudo e todos
Não flerta com a serenidade
Não olha a simplicidade
Não escuta as flores
Não vê a LUA
Gente estressada
Sofre de ansiedade
Engole comida
Ofende as pessoas
E não quer perceber
Gente sem tempo
Não cultiva amigo
Não namora
Não senta pra prostrar
Não escreve carta de Amor
Gente sem tempo
Para na cova funda e
Adormece na eternidade
Na cidade dos mortos.





ANTÔNIO MONTES

BRASIL

Oliveira

Meia dúzia de luas cheias
se estapeiam pelas candeias
pelas praias, e espumas
pelas brumas e areias
e ao encanto expelindo o canto,
sonoro das encantadas sereias.

Meia dúzia de luas cheias...
Noite de urros, cios de lobo
d'alvas alvas, elos marítimos
baleias nas águas turvas
moedas de senhores proscritos.

Lua cheia lá no horto
lágrimas nas oliveiras
beijos no escorrego,
dormente de cedro prego...
Prego os mandos, do meu ego,
com meus sentimentos apego...
Cego certo, em certo tédio.





Salada X Caetano

Não poetei Caetano nem Gil...
Nem não, os vi, no Rio,
atrás da cortina de pano...
Nem eles também, quem me viu?

Zé Ramalho e Gal Costa...
com seus galhos e suas apostas,
o povo nota as anedotas...
Minhas costas adotam o passado,
de um tempo todo marcado...
Pelo alvo do cajado.

Não poetei, Maria Betânia...
Tão bacana essa dama!
Flor de petúnia que se arruma
com a flora de Amazônia.

E Moraes Moreira as carreiras...
no trilho elétrico, com Alceu Valença
que presencia! Continência...
Sal na moleira, pensa!
Não poetei a nossa música Brasileira.

Que fardo esse entalo...
Queria eu!
Poetar... Roberto Carlos.





Ora Bolas

Sua cola... Ora bolas, não rola
bolos, palmatória foi o tempo...
Esse tempo era bento na escola
que agora só enrola o momento.

Tanta história conta a sua glória!
conta quântica espanta essa manta
mestre, com sua vida, toda irrisória
no dia a dia sua conta se levanta.

E as pontas, te aponta a história...
que sempre em grosa, agoniza na UTI
professores dão a mão à palmatória
preso enfim em um salário, micuim.

Seus alunos no planalto surrupiam
golpe baixo, lhes mantém bem no alto!
professores sorriem pouco a cada dia...
e os seus, gargalham com seus sacos.





BERNARDO GONDIM

BRASIL (2º LUGAR CONCURSO NÓS DA POESIA - 2018)

Lendo Matilde Campilho

Barrar o ímpeto com os dentes e aprender a paciência com você.
Este é só um poema irritante.
Doce e irritante.

Acordar, levantar, abrir o olho, tirar as remelas, destituir do que se sente, bater a canela no pé da cama, abandonar um enorme desejo na banca de jornal, fazer café, evitar o encontro.

Esquecer o chuveiro ligado, ouvir The Smashing Pumpkins, fumar um cigarro, esmagar um pé de laranja sem querer, perder o grande amor e sair para o sacolão.

A atendente disse que dia de feira é quinta.
Estou no dia errado, pensei e pensar em outra coisa foi quase um alívio.

Quase.

Veja bem, isto é apenas uma carta.
E uma carta é, por natureza, um berço de equívocos.
Assim como o amor.
Hoje desapareci.

Ainda estava escuro quando notei: primeiro sumiram os dedos das mãos, depois os cotovelos, em seguida as omoplatas, as olheiras, tornozeleiras, alma, joelhos, cachecol, dores, baço, braços, pés, fígado, pele, saudades, sapatos, boca, beijo, rins...

E sumi.
No almoço ninguém notou, mas fui eu que comi todas as berinjelas.





A grande questão de se tornar invisível é o hábito: não se deve mexer em interruptores, painéis de pressão, descascar mexericas ou qualquer coisa que chame muita atenção.

Se tornar realmente ausente para o resto do mundo exige silêncio.

E cuidado.

O coração pode se acostumar...

Veja bem, isto ainda é uma carta.

Ou talvez seja mesmo um poema.

Um poema corrosivo.

E solitário.

Pouco importa,

Se tenho você pra te aprender.

Aprender.

Enquanto ranjo os dentes.

Em silêncio.

E cuidado.





Lendo Cris Moreira

Abrir a geladeira com o pé molhado. aceitar bombom de estranhos. afundar. aguar as plantas. ânsia de vômito. ardência. atravessar ponte de madeira. azedume. beber. boca seca. caçar tubarões. caminhar pelo deserto ao meio-dia. cansa. comentar o bafão. comer fritura. compor. contrariar o guarda. correr. cozinhar. dançar. dar as mãos na frente da família. deixar isso pra depois. demora. dificuldade de respirar. discordar do chefe. dizer isso na cara. dor de barriga. envelhecer. errar o passo. errar os talheres. esquecer de devolver o livro. falar. fazer abóbora com curry. fazer carinho. fazer mal. fazer pedido às bruxas. fazer uma peça ruim. febre. ficar devendo. frieira. fumar. gordura trans. gritar gol. humor. infiltrações. ir. juntar. lavar a cozinha de madrugada. lavar pano de chão na máquina. mau humor. mudar a rota. mudar agora. nascer. olhar para o lado. ouvir. ouvir música brega. palpitações. passar ali. passar pano sem varrer. pedir desculpas. pegar carona. pegar lagartixas com a mão. pegar o carro a essa hora. perder a chave de casa. preguiça. pular no precipício sem sombrinha. queimar o brigadeiro de panela. querer. questões. respirar fundo. rugas. sair na chuva. sair sozinho. saudade. se atrasar. se esquecer. se perder. ser mandado embora. sofrer. subverter. sucumbir. sujar a roupa de cama. tocar piano desafinado. tomar leite com manga. tomar o seu lugar no mundo. e ser.





BILÁ BERNARDES
BRASIL

Cio de Versos

Latejam em mim
sons indecifráveis
letras embaralhadas

Latejam sangue virgem
odores, ar perfumado
letras desencontradas

Onde o falo organizador?
Onde as pausas do entendimento?
Onde o movimento?

Vento penetra a mente
Bolhas de ar se instalam
Letras se juntam e separam

Cio de versos diversos
no ventre juntam palavras
nascem poema e poeta.





BRENDA MAR(QUE)S PENA

BRASIL

Canto para acordar a passarada

Busco o canto que havia perdido
Nas imagens que tinha esquecido
Quando a vida se lançou no vazio
E mergulhou no universo sombrio.

Busco o canto que desperte as águas
Até mesmo as mais elamaçadas
Que voltem a correr limpas
E nasçam novos peixes.

Busco o canto desabrochante das flores
Para que de forma singular e sincera
Na vaidade desta vida tão efêmera
Perfume a memória com suas cores.

Busco o canto para acordar a passarada
Para em coro seguirmos em retirada
Cantando a vida, os amores e a beleza

vai
e
vem...

... L E V E Z A





Renascimento

Fenece o tempo latente
As veias cortam o coração
Pelos pulsos a vida se sente
Lágrimas suspiram respiração.

Cacos de garrafas espalhados
Uma tosse expele um grunhido
Em cima da mesa panos úmidos
E o sangue jorrando com prurido
Quando já parece não haver pulso.

Até que esta já mórbida existência
Encontra nova vida na sua real essência
Finalmente a ferida profunda é estancada
O amor recupera o sentido para nova arrancada
E assim renasce o fôlego da nova permanência.





Seres transitórios

Somos seres transitórios
Mas vivemos como cães
Em cio permanente

Somos seres humanos
Mas criamos asas para voar
E alcançar alturas improváveis

Somos seres humanos
Inventamos nossas máquinas
De triturar o ódio em instantes

Somos seres humanos
Por isso somos de ausência
E buscamos no outro a permanência.





Vá sonhar

Licença senhores, vou sonhar.
Sugiro que todos façam o mesmo.
Só os sonhos nos servem.

Então sonhemos, sonhemos todos,
vamos criar um grande sonho Coletivo!

Desejemos e amemos até parir um outro país.
Eles gozam de privilégios, nós de força,
temos energia de sobra,
nosso tesão não depende deles.

Desliguem a TV!
Parem de ouvir as fake asneiras
Por hora, sonhem apenas...





CRISTIANE MOREIRA

BRASIL

V

no quintal da minha casa tinha uma amoreira. eu ainda criança
pisava naquele chão roxo. marcava o chão da casa. sujava os
lençóis. minha mãe chiava. ria. limpava.cozinhava. cuidava. eu
brincava com as amoras. no chão. nos muros. na boca. meus
dentes roxos. minhas mãos com a cor do meu quintal. a calçada
roxa. minha mãe sempre atrás. vigiava. enquanto o vizinho
chiava. brigava. tentava deixar roxo meu corpo e minha mãe
sempre à frente. deixando roxas as palavras e meu caminho.
para que eu pudesse pisar. e continuar a comer amoras do
quintal.





VII

eu fiz um doce. nessa tarde fria de fim de ano que nem deveria
ser assim. fiz um doce
que deu errado. juntei os ingredientes. levei ao fogo. mexi
sempre em sentido horário.
sem sentido nenhum fazer um doce para alguém que foi embora.
mas eu fiz. errei a
mão no açúcar. nada pode ser doce demais. mela. a garganta dói.
fiquei com sede de
sentir o amargo. não comi o doce. me senti no sentido anti-
horário das coisas. não vou
refazer o doce. há coisas que perdemos o ponto. e ponto. noutra
tarde fria vou fazer
outra receita. uma que sirva pra mim. que não espere o outro
chegar. que não espere
o outro partir. que não deixe a garganta doer.





XIII

eu construí uma casa. e esperei que você viesse. que chegasse às
seis da tarde com o pão que me ajudasse a aguar as plantas. Os
cactos não.

que me ajudasse a apagar as luzes que deixo acesas. que
varresse o terreiro. que levantasse o pó dos dias secos. que
pendurasse as roupas no varal. que dividisse as contas. que
planejasse as férias.

eu esperava te dizer do meu prato favorito. e aprender a ouvir as
músicas que você ouve.

mas você não veio.

e eu aprendi a deixar de te esperar. e deixar de ser refém da
espera. e varri sozinha o
quintal. e sequei os pratos. e vi subir a poeira. e guardei as
roupas.

na imensidão da casa.

no amanhecer dos dias.

eu, as contas, o silêncio das músicas que não ouvi e caquis.
eu e os cactos secos.





XXVI

de casa.
dos lares.
dos bares.
dos escombros.
das lojas.
das ruas.
dos pontos.
das estradas.
das escolas.
do trabalho.
dos olhares.
do acolhimento.
dos afetos.
as primeiras a serem expulsas são as prostitutas.





DANIEL DE CULLA

ESPANHA

Shangrilá

-¿Dónde vas, James Hilton
Dónde vas, triste de ti?
-Voy en busca de mis Horizontes Perdidos
En la gran montaña azulada del Karakal
En Baskul, Afganistán.
-Si Tomás Moro ya se ha muerto
En su Utopía, que yo le vi
Escondido en una Shamballa
Más allá de las montañas nevadas
De la cordillera del Himalaya.
Su cadáver le velaba el cónsul británico
Hufg Conway, su asistente Charles Mallinson
La misionera cristiana Roberta Brinklow
Y el comerciante estadounidense
Henry D. Barnard.
También estaba King Kong
Que murió por nuestros pecados
Guardián de Shangrilá
Que a las parejas de novios que vienen
Nos les deja entrar entre semana
Y al caballero lozano, que se le enfrenta
Porque quiere meterse para adentro
Le grita:
-Tú, no. Primero, la bella dama.
Y él le responde:
-Pero si usted es mi padre
Y yo soy su hijo, ¡Viejo!
Como dice Charles Darwin.





DANIELA MAIA
BRASIL

Engano

na lua cheia
suspira alto
hija del caos.
baila o fogo,
canta o amanhã,
é vista sozinha
na estrada aberta
reza com o corpo
teus olhos são seios,
tua boca,
a maciez da vulva.
encanta na noite,
descansa o dia.
- é feiticeira, essa filha.





Encomenda

Me vejo como você,
todo dia há pedra na mão,
o alvo destruído
flechas soltas
e só eu, o atingido.

Nesses dias,
me arrisco e finjo
que o nada no bolso
significa ser bicho preguiça,
malandro descolado
ou uma força
desse ego despreocupado.

Fora disso,
nos dias que arrisco
jogo flores ao vento
reciclo minha opinião
enfrento duras perdas
do que nos sobra da paixão.

Poderia dançar no tempo
do meu peito desajustado
ou correr atrás de tudo
que me lembra você.
poderia (...)

Mas hoje em dia,
espero atento,
a mais um sorriso
que alivie tudo que
em ti, quero.

E por dentro,
se há dentro dessa vez,
me regenero,
e ao vento
me entrego.





ELI RODRÍGUEZ

URUGUAI

Mi amigo Edu

El agua tiene el retorno de
una distancia que pega en las nubes.
Envuelve los caramelos en la ruta
para distraer la velocidad del verde.

Aparece entre garitas de señales
y el óxido del puente fangoso
mientras un ave persigue la torpeza.
El agua es el sentido de un sabor
que rueda en la promesa de una fiesta de corazones remotos.

Bebe la vida declarada
de los desahuciados o de las causas abiertas.
Por la carretera de la despedida iba
mi amigo que era agua y tiempo
que en su paraje de ácido aspiró los gorros.

Tenía el agua salvaje de la lucidez.
Un cartel anuncia el fin de la doble vía.
Ruedan gotas de lluvia que forman células es la voz que se
desliza para ser recorrida en los retornos.
Hace siglos que ruedan voces de agua en la ruta y no sabemos
como fue la primera lluvia ni como mueren los amigos.





Quintilla al olvido

Si la vida es el olvido
de lo que ya dimos vuelta
dime tu joven perdido
adonde estaba escondido
lo que ahora soy resuelta.





La tierra y el tiempo

Soy barro derramado donde crece el fruto
sombra en la cintura de los puentes.

Soy boca del tormento ogra del silencio madera seca y
perforada.

Abro mi brazo para alojar los huesos del hierro y del calcio.

Vine a descubrir la madre a reconocer el fuego.

Vine a inventar al hombre y su tiempo a ocupar el vientre el
hueco de maíz

soy el barco que puja la voz del universo.





Limerick de Rosas

El agua de rosas que se destapa
los alfileres en la contratapa
las papas chip, la llave
tu voz de tiempo suave
la infinita belleza que se escapa.





ÊNIO SILVA
BRASIL

Solidão dos inocentes

O tempo passa lentamente,
eu tomo mais um pileque
e fico a observar os transeuntes,
de repente chega um indigente,
de repente estende a mão e mostra a bomba,
um presente da sua cúmplice
que acabou de se safar.

Uma réstia de desespero
ainda pulsa em suas pálpebras
enquanto o rádio fala na canção
da puta que partiu.

Então sentamos e contamos a beber,
nas sobras da vida
nos restos do dia.

Nada.. Tudo faz sentido...
A buzina dos automóveis,
o grito dos indulgentes ...

Nada, absolutamente tudo!
E assim a tarde se esvai
em cacos de vida pelas ruas
na solidão dos inocentes.





Vivência

Não é preciso temer
as agruras do destino
ainda é possível sonhar
e fazer do amor a nossa lei.

Tão pouco perambular por aí
na vã tentativa de encontrar-se;
firmeza, cabeça erguida
para não se perder na caminhada.

Pois o caminho que nos leva
ao encontro da felicidade
é árduo, averedado e longo,
porém, com perseverança
baniremos o ódio
e nos encontraremos
no apogeu do amor.





Corda bamba

A vida pasma
na passarela;
A passarinhada canta...
A passarela desarma
ao cantar da passarinhada
e a vida segue na corda bamba.





Reta de chegada

Não cruzei os braços
porque não posso
não devo e não quero.

Se posso é claro que
devo seguir viagem
pois o que eu quero
não tem preço.

Então sigo no apreço
da luta camarada
com foco na vida
na reta de chegada.





GIUSEPPE CAMELIA INTELISANO

ITÁLIA - ARGENTINA

Más Allá.....

Más allá de la Vida...
Más allá de la Muerte...
Que no hay muerte en el más allá
Que hay Vida más allá de la Muerte....
Te bautizó el Cielo...
Te vistieron las Estrellas...
Te entregaron un Hijo...
El máspreciado y deseado
Y lo llamaste... “ Amor “...
YO SOY TU DIOS...EL TODO !!
El finito en el Infinito...
Espera ...y escucha bien...
Aún algo me debes...!
Nadie quiso decirte,
Pero tu igual, bien sabes,
YO que por Ti he muerto,
También por Ti he vuelto...
Deja que cure tu herida...
Sabes que quién no perdona
Es porque nunca olvida...
Deja que a tus ojos cansados ,
llegue la fuerza de mi LUZ...
y a tu cara sufrida, la sonrisa,
que solo YO puedo...!!!





Cuando...

Cuando te pienso...
Cuando te veo....
Cuando estoy contigo...
Todo se hace más hermoso...
Todo se hace más claro...
Todo se hace más armonioso...!!!

Por todo eso, te digo:
Que cuando en el cielo, se escriba...
y en el suelo, naden peces...
Cuando los años se hagan meses,
y los meses se hagan días...

Cuando el Cielo, hablando diga
que el mar se muere de sed...
Y, si también pudiera suceder,
que del mismo suelo llueva,
Cuando todo esto suceda,
...Amiga del Alma...única Amiga Mía...
Entonces y solo entonces...
.....Te Olvidaré...!!!.....





NO... Solamente per TE...

NO...! Amiga Apasionada...!
Desde siempre...
Al amor entregada....!

No hay estrella sin luz....!
Sí.... Irrealizables sueños,
Que ...sueños son...!

Porqué otros son, tal vez ,
Los destinos de aquellos
Que cruzamos...!

...Sin embargo ...Déjame decirte:

“ No desanimas, AMIGA,
Que cruzaste mi camino...!
Que el tiempo infinito
Todo Amor, transforma,
En bálsamo divino.... “





Unos vienen...Otros van...

Uyythgfgtnos vienen...
Otros van.....
Minuto tras minuto,
Día tras día...

Mi pensamiento, sin freno,
Corre tras tuyo...
Se enreda, tropieza, golpea
Acariciando tus ojos,
Rozando la suavidad de tu boca.

Casi como una disculpa
Llega el murmullo de un sentimiento
Que se hizo palabras:
Me gustas ¡! Te siento ¡!

Y, también yo,
Vengo y voy... pero...
En el centro del TODO,
Estás TU...!!!

Minuto tras minuto...
Día tras día...
Dulce, Amada, mía...





HELENICE MARIA REIS ROCHA

BRASIL

Vaidade

Vai...idade
e leva estas linhas do meu rosto
este jeito de esquecer lembrando
as lindas curvas agora flácidas
Vai idade
voa longe nestes balanços do tempo
angariando fundos da beleza que se foi
o batom é só o batom
o rosto não o sustenta
nada além de um olhar lúcido
de quem, das máscaras extraiu a medula
Vai idade
que já te oferecem um lugar na fila
Ah....idade
Em que chegastes depois de longas dúvidas
algumas alegrias
e o tempo que não para
apesar de algumas máscaras..





ISABEL C.S. VARGAS

BRASIL

Vaidades

Pensava-se que era característica,
Quicá atributo de adolescentes,jovens,
Adultos,executivas,todos em atividade
em construção de identidade e de vida.

Idosos? Alguém alheio a essas
futilidades,

Diriam muitos em outras épocas.
Em meu conceito,pensamento ultrapassado,
Preconceituoso,machista e excludente..

Gostar de si mesmo não tem idade.

Vaidade eleva a autoestima,

Valoriza,empodera, gera inserção,

Inclusão e pertencimento.

Hoje mulheres e homens cultivam vaidade,

Independente de idade.

São mais felizes, mais longevos.





Mulheres, Van idades, Valor idades

Mulheres, geralmente, eram discriminadas,
Por estudarem, trabalharem fora,
Por escolherem profissões ditas masculinas,
Por serem artistas,
Pelo modo de vestir,
Por não querer ter filhos,
Por ter muitos filhos,
Por não querer casar,
Por não ter casado mesmo desejando.
Mulher não deveria querer se igualar ao homem.
Frases, conceitos de uma época
Que não cabem na realidade.
O tempo é outro
As mulheres podem fazer o que desejarem,
Independente da idade.
Estudar na terceira idade,
Namorar, casar, não casar,
participar de grupos,
Viajar, trabalhar, empreender
Viver, ser livre e feliz.
Existe valorização do ser humano e
Do profissional de qualquer idade.





Quebrando Tabus

Quando pequena, sem autonomia
Tudo era determinado pela mãe e pai.
Assim, vaidades eram proibidas.
Cabelos curtos, mais higiênico,
Franja cortada para não atrapalhar tarefas,
Criança não pinta unha,
Adolescente não use salto.
Namorados não saem sozinhos,
Moça de família tem que obedecer às normas.
Mulher casada usa cabelo curto.
Conjunto de regras de uma época do século passado.
Não digo minha época,
Pois minha época também é agora
Que tenho parelha de seis como idade,
nunca mais usei o cabelo curto desde os dezesseis.
Trabalhei para me sustentar desde os dezessete,
Eduquei quatro filhos ensinando as mulheres a
Não dependerem do marido,
Todas tem dois cursos superiores,
E se não me submeti às regras ditadas
outrora, não o faço também agora.
Viúva, cabelo na cintura,
não quero morar com ninguém,
não faço mais comida,
não tenho hora de dormir,
muito menos de acordar.
Tenho orgulho de minha trajetória
Pessoal e profissional.
Exercito, diariamente, a gratidão,
Mesmo com as perdas que tive.
Aceitação, Tolerância, amor
São essenciais para viver em paz.





Maior Idade, Melhor Idade

Costumam denominar a velhice
Ou terceira idade de melhor idade.
Discordo desta denominação
Embora afirme que estar vivo é ótimo.

Não é possível ignorar
Os obstáculos naturais que a idade impõe,
Embora o aumento da média de vida
E todos cuidados que a pessoa tenha.

Cuidar da saúde
Ter uma convivência saudável
Interagir com as demais gerações
Ter uma atividade para se sentir útil
São fatores importantes.

À respeito de todos os cuidados,
A visão fica prejudicada,
Os cabelos caem, a pele resaca
As pernas não obedecem o cérebro
Com a mesma velocidade e desempenho.

Há limitações naturais,
Mas há mais sabedoria
Acúmulo de experiência
Que podem compensar.
O importante é como a pessoa se sente.
Sem rótulos, sem discriminação.





ISIDRA DE LA VEGA LAFAURIE

COLÔMBIA

Reconciliación

Mi punto de equilibrio
El amor, el perdón
Muero cada día
Bajo el peso de estas cadenas
Que me atan a ti,
Reconstruiré mi vida
Armando los pedazos
Que me quedan,
La guerra y las mentiras
Nos enfrentan...
Causando hondas heridas
Sobreviviré.....
Al cruel invierno,
de tu ausencia
dejaré partir los malos recuerdos
de esta angustia donde impera
y habita el dolor.
Virtuosa sin resentimientos
saldré de la tormenta
sé que sus vientos se calmarán
me reconciliaré conmigo misma.
Solo.....
Esperaré....esperaré.





Puertos

No arribes a mi puerto
No encontrarás mi orilla
Ni mis tranquilas águas
Exígele al terrible Poseidón
Que de un soplo
Arrastre y aleje tu barco
A otra dirección
A otra estación distinta
Donde el tiempo descifre tus sombras
En un puerto vacío,
Bajo la vigilia de la noche,
No te llenes de lágrimas
Después de nuestro adiós
Ni proyectes en las distancias que recorras
Tu rostro sin arraigos
Ni el eco de mi voz
Continúa el viaje de tu barco
Que no sabe de puertos
Aléjate...
Sin pesares
Por senderos de olvido
Cargando el baúl
De tus memorias rotas...





Desdichas

No hundas tus ojos
En mi caverna
no proclames mi nombre
ni me esperes vestida
de solemnidades
No le pidas a mi aroma
Que regrese
Hace tiempo perdiste su esencia
En mi vuelo de mariposa guerrera
batiré mis alas
Para sacudir
Estos escombros
Que me abrazan al polvo
De mis inútiles desdichas.





Tortura

No dejaré de reír
Aunque me sobren motivos
Para llorar
La vida me alberga dudas
En sus intensiones
Mis humedales se secan
En el hastío de lamerme
La piel y las heridas
Como una gata
Doy vueltas
como una carretera mal trazada
que más parece
una montaña rusa
te busco como água fresca
para saciar mis deseos
y solo encuentro tu espalda
fiel reflejo del espejo
donde me muestras tu amante
la neblina desvaneció
el calor de nuestro amor
el sol ya no prende
el escenario.

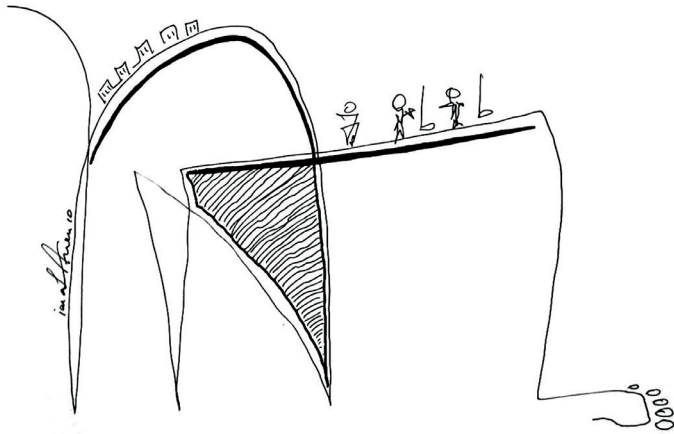




Poema Rural

Abro montanhas
e desço porteiras
por simples tradição
e pura fantasia

Jaak Bosmans



Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





JAIME LONDOÑO
COLÔMBIA

Cuento de hadas

Un día se repite un día tras un día
Y no cesa en su intento de evitar el final
De la historia que te pertenece y te nombra,
Como otro cultivo de vacíos reproducido
Bajo la lente del microscopio de todos tus ahora,
De todos tus siempre paupérrimos,
Como si en tu cuento de hadas y seres encantadores
No hubiese ni hadas ni esos que mutan para hacerte feliz,
Salvo el un día hace mucho tiempo que siempre está ahí
Como el poema de un solo verso que te señala
Y te indica que desde hace mucho tiempo será igual,
Que luego de la muerte -de una sola muerte por siempre-
Estarás un día hace mucho tiempo,
Pero bajo tierra y sin poder respirar
Junto a los gusanos que ya son carne de tu carne
Como todos los días en tu cuento maravilloso de hadas.





Mariposa Monarca

Hoy vi pasar la Nympha
Frente a mi ventana,
Navegaba sigilosa entre las nubes,
Y aunque no tenía prisa
El poniente la jalaba.

No sé si alcanzó a ver
La otra cara oscura que tallo en el silencio,
Pero sentí más frío
A esa hora del calor.

Hoy pasó la Nympha,
Recorrió de un lado a otro la ventana,
Yo la vi,
Y ella supo que algo en mí le hablaba.

El aire se estuvo quieto
Y quieto yo lo tuve de la mano,
A nadie más le mostró el secreto,
Solo a mí que vivo a la deriva.





Oración del que vuela

Al final de la vida
Aprendemos a borrar:
La poesía debe ir en verso
La definición de ensayo
Los mapas
Las teorías
Los paréntesis de la equis
Los binomios y polinomios
Los libros de texto.
Todo lo borramos sin afán,
Sin medir el tiempo,
Sin seguir las instrucciones
Del borrador de nata
O la técnica del profesor;
Simplemente tachamos
Sin recordar, sin pensar
Y entre más borramos
Más volamos.





JOSÉ LUIS MACHADO

URUGUAI (1º LUGAR CONCURSO NÓS DA POESIA - 2018)

Vacío

Vana vacua vanidad,
dice el juglar de los dioses.
Tocas, hueles, miras, oyes,
saboreas vanidad.

La nariz
no puede colmarse con una tímida flor,
los ojos con un solo amanecer,
el oído con el esperanzador
trino de un ave fugaz.

La mano y la boca no pueden colmarse
con roces y besos, siempre quieren más.

Como el primer fuego, o el aliento
gélido y súbito del primer invierno,
o como la eco atrapado en la montaña,
así somos los humanos,
levitando entre la felicidad y la tristeza.

Pero todo tiene un final
y en las finas hebras del tiempo,
donde se enredan
el hoy,
el mañana,
y el ayer;
no somos
más que pequeños nudos de vanidad.





Génesis

... y entonces aquel día,
en un pequeño lugar
del viejo mundo,
el artesano tomó un trozo de vidrio.

Lo midió, lo lavó y lo pulió,
y al azar eligió una cara.

Vertió sobre el,
líquido de plata, y,
pacientemente lo dejó secar.

Así, sin quererlo,
así fue en realidad
que el hombre inventó
la vanidad.





Los colores

Los colores no desaparecen
ni los sonidos cansan.

No hartan los sabores
ni se hunden las pisadas.

Tampoco se gastan las palabras.

Es uno mismo
que, con su insaciable apuro, necesita.

Y todo porvenir
es una insuficiencia renovada.





JOSÉ MARINHO FILHO
BRASIL

A Vida, o Tempo e a Idade

A Vida

A vida é assim!
Envolve o tempo para viver.
Tempo que passa para mim,
Também passa para você.
O que é a vida?
Ora, ninguém sabe!
Mas, para o filósofo,
A vida é a vida!





O Tempo

O tempo é assim!
Passa junto com a vida!
Devagar para uns,
Depressa para outros.
O que é o tempo?
Ora, ninguém sabe.
Contudo, para o filósofo:
O Tempo é o tempo!





A Idade

A idade é assim!
Inicia-se com o nascer para a vida.
Sustenta-se no tempo vivido.
Interrompe-se para uns, mas
Avança para outros.
O que é a idade?
Ora, iniciando com o nascer para a vida e
Sustentando-se no tempo vivido,
Ela se identifica: É o limite de nossa
Existência humana!





KÊNIA NICÁCIO

BRASIL

Inquieta hora

Há uma hora inquieta.
Sem flores.
Não chega uma carícia dele,
não sinto seu pulso de poeta

(No meu devaneio – particularmente - belo)

A paixão ainda e terna pulsa,
nos versos em prosa do blog:
enlambuzados e avermelhados de paixão
que escrevi
e são tão
seusmeus.

Na inquietude desta hora...
afloro.
Torno a ser ave rara,
vida que sente a si mesma
e que ao seu jardim
retorna
pra encantar o poente
alaranjado
(poétika).





LUIZ OTÁVIO OLIANI
BRASIL

A Persistência da Memória

A Salvador Dali

Nada nos pertence:
a vida é empréstimo
Deus não cobra
juros dividendos
o homem
acerta contas
consigo mesmo
nesse juízo
de altos preços
sobra apenas
o legado
com que se sonha
e, se tudo rui
no desmoronar do corpo,
o que ficará?
num canto da casa
o escritório
a biblioteca
o livro de poemas.





ÉL LO DIJO EN UN POEMA

Ya cuando pase el tiempo en que te espero,
cuando la beatitud de tus cariños
vuelvas a darme y nos sintamos niños
ya tal vez no te quiero.

Si tardas mucho, primavera ha huido
y a tu regreso, tras las puertas juntas,
encontrarás sentado a un Viejo Olvido
con los ojos cargados de preguntas.

Miguel Ángel Asturias



Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu

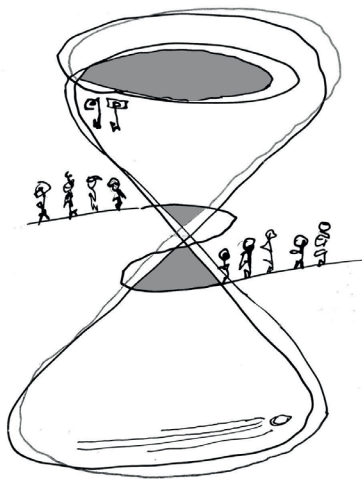




TEMPO DE DAR TEMPO AO TEMPO

Há tempo de sol e sede, e tempo de sombra e água fresca.
Há tempo de vacas magras e tempo de banquete.
Há tempo de fazer amor com as palavras e tempo de amar sem dizer nada.
Há tempo de puxar a linha e tempo de soltar pipa.
Há tempo de pesquisar e tempo de ignorar.
Há tempo de ensinar e tempo de aprender.
Há tempo de andar e tempo de correr.
Há tempo de atacar e tempo de ficar no gol.
Há tempo de matutar e tempo de espernear.
Há tempo de ter os pés no chão e tempo de ficar com a cabeça nas nuvens.
Há tempo de rolar e tempo de curtir a preguiça.
Há tempo de acertar os ponteiros e tempo de dar tempo ao tempo.

Marcos Fabrício
Baseado em Eclesiastes 3,1-8



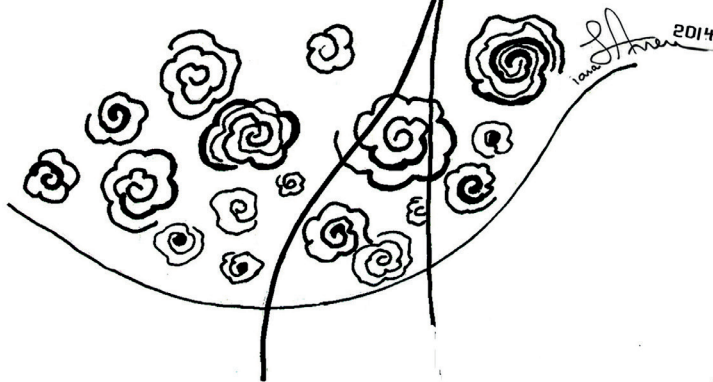
Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





as flores compartilham perfumes
nos ensinam odores de outras galáxias
teu cheiro conquista meu mundo
me enche de dalias e lindas acácias
parece que o verde da folha
me toca o rosto com brilho acordar
amor se faz com várias pétalas
benditas cores a nos despertar
teu doce conhece o passo
do meu tímido riso que vem caminhar
enfeitando laço encantado
fogo aceso de primoroso bailar
também se faz delicado
nosso jeito barato
de com tudo brincar
deixemos espinhos de lado
rosa dos mares vamos cultivar

Marcos Fabrício
Brasília-DF



Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





**1 página de silêncio
para Marco Aurélio Lisboa**

*Homenagem a Marco Aurélio Lisboa
(um dos Nós da Poesia que se foi daqui, mas seus escritos e
memória permanecem vivos)*

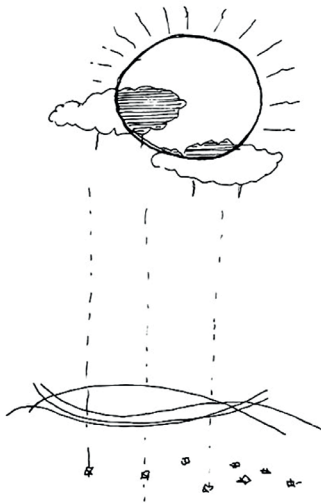




Desintegração

O despejo expõe

A riqueza da matéria em decomposição
Oposta
À pobreza da posição humana
No poente
Indiferente
Um Urubu indecente



Condensação

Já fui assim nefelibata
Como os carneirinhos lá no céu
Vapores de corpos sublimados
Eternos amantes
Mas era verão
Fazia um sol de derreter o juízo
Veio a condensação
E eu virei chuva de grânizo

Marco Aurélio Lisboa

Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





Realimentação

Abatam!
As pombinhas imaculadas
Que fazem sujeira nos telhados
Sirvam-nas
Misturadas com arroz
Salvem!

Deixem em paz!
Os honestos faxineiros
Que reciclam os presuntos desovados
Ave Urubul
Os que já morreram te saúdam.
(Hanói (Reuters) A cidade de Ho Chi Minh começou
A envenenar as bombas e outras aves não-domésticas
Como medida de prevenção contra um surto de
Gripe aviária na populosa região disse uma
Autoridade nesta sexta-feira).

Marco Aurélio Lisboa



Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





MARCOS MAIA

BRASIL

Testemunha

que infortúnio momento no pensamento,
a opção não tomada de outro caminho
agora não é possível voltar

não retroceder o sentido
não retroceder o caráter
não retroceder o socorro
recorro a quem?

ninguém quer estar em flagrante
um instante, não seria eu,
mas quem poderia?

seria um teste do tempo?
tento entender o instante
distante, tantos discursos
a ação exige urgência.
uma providência para esse traído
músculo contraído, pulsante dor
meu semelhante estertora

ato lesto, fato findo
está seguro, embora sofrera
cederá a tensão
restarão incertezas

Se em
Cada caixa de ovos
Tem cinco dúzias
Quantas uvas
Tem num cacho?
Quantos versos
Cabem no verso?
Quantos universos
Nos permite
A física quântica?





MARCOS PIMENTA

BRASIL

Minha carne
É de carnaval
Meu coração
É guerreiro
Verde
Amarelo
E vermelho

Meu time
Meu partido
São brasileiros
Bandeiras
Que se misturam
No meu peito

Todas as cores
Da pátria
Na caixa de lápis
Da criança
Para que ela cresça
E possa escolher

O arco-íris
As quaresmeiras
Os ipês
As pratas embaúbas
Que se destacam
Na copa da mata.





Meus olhos vermelhos
De sede
Todas as cores
Enxergam
No espectro branco
Da luz completa
Que filtram
Refletem
Defletem
Difratam
E contém
Todos os gostos
Que minha boca sente.





Tem poesia
De filosofia
Tem poesia
Teoria
De protesto
Concreta
E a mais abstrata
Das poesias

Tem poesia
Semente
Tem poesia
Completa

Têm plágios
Paráfrases
E releituras
Às vezes
Sem rimas
Mas nunca
Sem palavras
Que se combinam
Que não devam à mensagem
E ao sentido

Tem poesia
Na fôrma
Tem poesia livre
Às vezes
Acerto na veia
Às vezes
No lugar comum
Mas sempre
Com sabor

Tem poesia
De geologia
Tem poesia
De amor



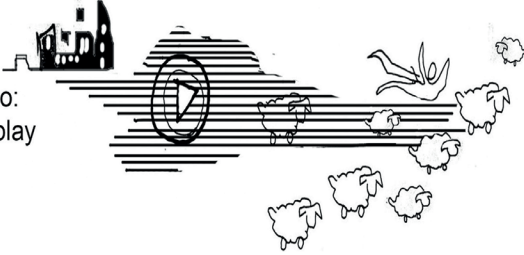


Divergir
Sem dividir
Sem medo
De concordar
Foco
Na intersecção do conjunto
Para estarmos juntos
E construir





meianoite
eu proponho:
apertem o play
do sonho.



soltos no céu
no primeiro jardim
da via láctea
fica assim combinado
o nosso piquenique
eu vou de bike
com meu tênis da
nike
e não vejo a hora
de avistar o teu
sputnik

Múcio Góes
Recife-PE

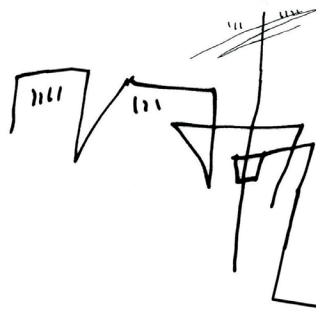


Poemas: Múcio Góes (Recife-PE)

iana *LA* 2016

Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu



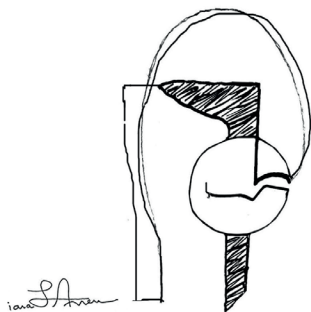


postei um poema
no poste
estou parado
na sua
espero que goste

nós dois
dois nós



vou deixar
a minha porta
aberta
vai que um dia



abro
a janela num gesto
impreciso
e já não sei
a diferença entre
a lua e o teu sorriso

Poemas: Múcio Góes - (Recife-PE)

Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





Epílogo

A metade da selva
era metade da fera
do gato-do-mato
da jaguatirica
da onça-pintada
que se perderam da mata
à espera do homem
em algum filme de Fellini,

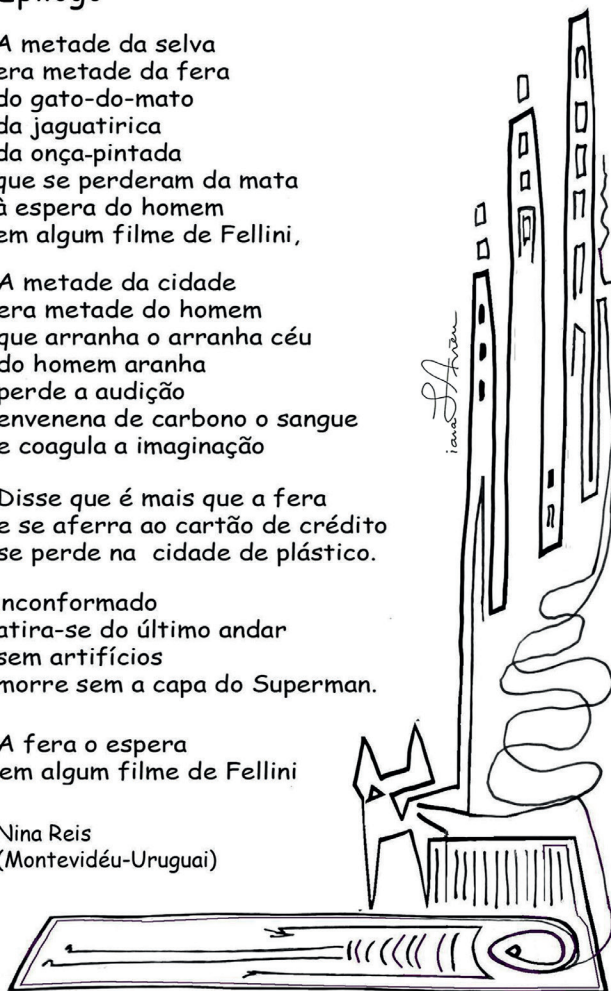
A metade da cidade
era metade do homem
que arranha o arranha céu
do homem aranha
perde a audição
envenena de carbono o sangue
e coagula a imaginação

Disse que é mais que a fera
e se aferra ao cartão de crédito
se perde na cidade de plástico.

inconformado
atira-se do último andar
sem artifícios
morre sem a capa do Superman.

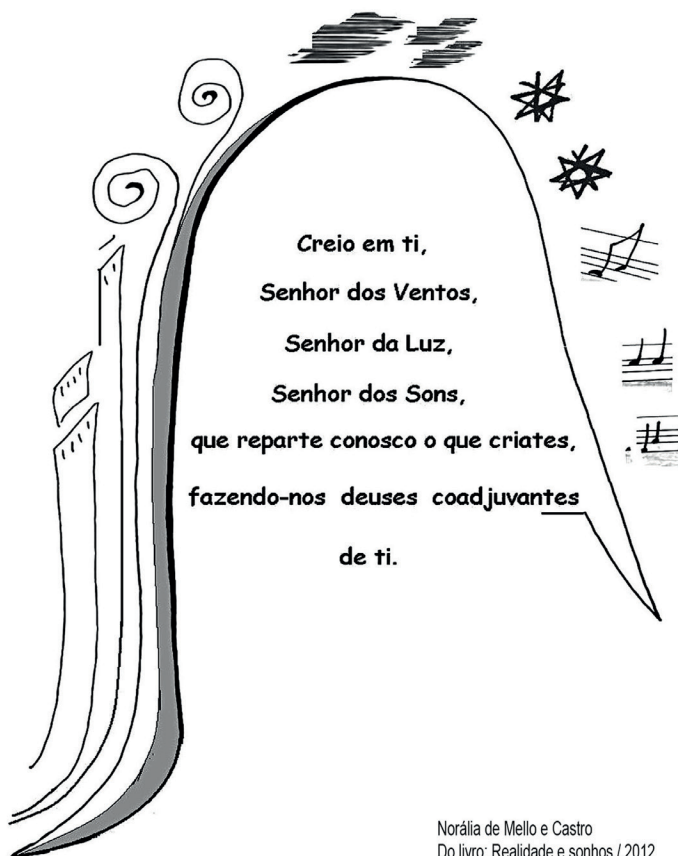
A fera o espera
em algum filme de Fellini

Nina Reis
(Montevidéu-Uruguai)



Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





Creio em ti,
Senhor dos Ventos,
Senhor da Luz,
Senhor dos Sons,
que reparte conosco o que criates,
fazendo-nos deuses coadjuvantes
de ti.

Norália de Mello e Castro
Do livro: Realidade e sonhos / 2012

Projeto Aspectos Urbanos, de Iara Abreu





OLGA VALESKA
BRASIL

Esperança

Tenho a certeza
dos loucos
e a felicidade do pó
que segue o vento
em risos
de cinza e cisco.





Da infância

Existem noites, sim, que você
me ensinou sombrias
gentes cruéis que ferem os corações
com unhas sujas,
agudas de mágoa e amargo-de-vida

(Existem frutas que secaram para não dar sumo e
flores que secaram para não doar perfume)

Eu soube, sim, de você,
mãe de leite e ventre...mãe de sangue
de profundo veneno: (de alma para alma)

— Não vá perfumar o ar,
que no mundo ninguém é belo assim!
Ninguém ama assim...
ninguém chora assim, filhinha, não chora,
que eu te quero nada,
te quero minha filha assim!





No início era o verbo

Amo esse humano,
que canta a espuma e não vê o mar
que chora a solidão e não vê desertos
amo aquele que pisa as flores,
poupando as pedras,
que limpa as ruas
e mata a terra

amo esse flagelo:
frágil frasco de vinho tinto
trágico grito...
blasfêmia de Deus!





Esperei:

(Chamas aprisionadas no cristal da lâmpada)
Sonhos enegrecidos se descolavam da luz e esfumavam o vidro...
O arrepio da brisa fazia arder a pele,
E eu esperei um pouco mais:

A espera ficou.
Foi-se o vento.
Recolheu-se o mar.

Com os olhos presos na vidraça
Eu esperava ainda...
Completamente só.





RAQUEL PEDRAS

BRASIL

Filho

A forma como você olha
O que você vê
O que você espera
De mim

A maneira de você chegar e me dar um beijo,
um abraço e dormir
O seu cheiro
E a maneira que você olha
E o que você vê
Em mim

O seu olhar me conhece de antes
De dentro
Você já me viu por dentro
Já sentiu

O que eu sinto
A dor
O lamento
E o que eu não conhecia
Até o seu
nascimento.





Habito

Lugares possíveis:

- uma palestra
- uma pilastra
- o sim
- uma festa imperdível
- uma ilha deserta
- um jantar a luz de velas
- o fim da feira
- o agora
- o buraco da fechadura
- o meio da praça no meio dia de sol
- um banho de cachoeira
- a sorte
- areia da praia
- o não
- por do sol
- passarela
- topo da montanha
- corda bamba
- pista de dança
- engarrafamento
- a vida
- a jabuticabeira- a dúvida





Lugares impossíveis:
- o rabo da estrela cadente
- o fim do arco-íris
- o sim
- meu retrato na íris do seu olho
- o instante que a concha engole a poeira de areia
- o amanhã
- o olho do furacão
- o centro da fogueira
- o abraço do urso polar
- dentro do grão de areia
- o intervalo entre
uma batida de asa e outra do beija flor
- o não
- a morte
- dentro do casco vivo da tartaruga
- a gosma da lesma
- o fundo do fundo do iceberg
- o canto da baleia
- o ontem
- o canto da sereia
- a palavra dita
- a palavra não dita
- o silêncio
- a dúvida
...
os lugares impossíveis me habitam.





Mãe

O filho nasce da mãe.
A mãe nasce do filho.
A ordem certa eu não sei.
A coragem vira medo. E vice-versa.
O susto vira paz.
E a paz assusta.
O coração mora na boca, no estômago, na mão.
A alegria e a tristeza.
O real e o fantástico.
O olhar e a visão.
O filho nasce de dentro.
Expõe o avesso.
Filho põe a mãe ao avesso.
E ainda assim é o melhor de nós.





Saudade

Se você soubesse que ainda penso em você todos os dias.
Se você soubesse que andei olhando fotos suas antigas.
Se você soubesse que recebo mensagem daquela companhia
aérea me oferecendo passagem
só de ida.

Se você soubesse que ando chorando escondida.
Se você soubesse que medito, rezo e faço oferenda em seu nome.

Se você soubesse que torço toda noite para te encontrar no
sonho.
Se você soubesse que te confundo quase toda manhã com o cara
que me atende na padaria.

Se você soubesse que por este motivo não vou mais lá.

Se você soubesse que acho que vou me mudar.

De casa, de rua, de cidade, de país.
Se você soubesse que antes de fazer isso queria te encontrar.

Se você soubesse que ia dar nisso tudo.
Se você soubesse, estaria, ainda assim, mudo?





RODRIGO STARLING

BRASIL

O relógio

Sonho o poema como um relógio
Onde cada hora, minuto, segundo
É o encaixe perfeito do mundo
Na parede ou no pulso

Cruel engrenagem de Descartes
-O relógio existe sem pensar!
Mesmo em corpo defunto
Vive! E viverá...

Ó angústia
Das horas densas, intranquilas
Um relógio acelera no gozo
Se demora na ira

Relógio, face fria, inanimada
Redonda como o ciclo da vida
Imperecível
Como a pedra calada

Tua carne é aço, vital
Biológico, marca sem pressa
A peleja poética...
De um poema sem final





O poema

Sou o poema, venho da lama
Da ordem do caos de quem ama
Da dupla chama do amor
Sentimento maior que o mundo
Luz na fração de segundo
Que és meu amante: leitor

No equilíbrio, transito aos extremos
Visito teus olhos, úmidos, trêmulos
Santo colírio às curvas profanas
Desejas a mim, não ao poeta
Que nasce, cresce, escreve e encerra
O ciclo erótico da fama

Lançado, não conheço solidão
Lido, vou-me contigo, o poeta não
De volta a batalha do modus operandi
Dentro de ti, vamos ao quarto
Eterno sou, na estante de teus lábios
Devorando-me mutatis mutandis.





Dilúvio

Que é seco ainda que Dilúvio?
Palo d'água – versos - brotam rimas
Enxurrada: lama, veios, palavras
Terra úmida! Fértil, porém frígida

Ó estranhas formas da razão
Que daninhas crescem como ervas
Monstro-mares, algas lastreantes
Tal pecado... D'um Adão para mil Evas

Paraíso, só o é por nossa ausência
Seres imperfeitos.... Ó demência
Tal o corvo que precede a pomba

É a brisa que – suave - pausa leve
Na face, olhos, língua, até pele!
Da poesia, carne viva, ondas?





As baratas

Baratas são líricas
Sobreviventes do éden, explosões
São mesmo - posso dizer - amigas!
Delírios torpes, indagações...

Nelas, baratas, nada de nojento há
A não ser aos olhos, vísceras
Sempre estão, onde quer que eu vá
Discretas, mas sempre ali: vivas!

Não guardam mágoas, ressentimentos
Adeptas que são da Roda de Samsara
Se as mato (num surto de momento)
Reaparecem, como fossem duplicadas

Ó “despertar de sonhos intranquilos”
Que eu siga em paz com as baratas
São elas os espelhos de meus vícios
As ancestrais de minhas faltas...





ROGÉRIO JORGE BRAGA

BRASIL

Caminhos Inversos

O doce do amargo
O amargo do doce
Reta que vira curva
Curva que vira reta
Sol e Lua
Lua e Sol
Tristezas e alegrias
Alegrias e tristezas
Escolhas e escolhidos
Escolhidos e escolhas
Vida que vira morte
Morte que vira vida
Caminhos inversos
Inversos caminhos.





ROSANGELA FERRIS

BRASIL

Viver em etapas

Vez ou outra fico pensando
Como posso ser assim...
Sou quase um elo perdido,
vejo meu Eu dividido
em duas metades de mim!
Sou dócil, frágil e forte,
sou fera mansa e dengosa.
Bato os pés pelo que quero,
não vou à luta e espero
por um vida cor de rosa.
Já vivi entre os umbrais
que pautaram minha história.
Não sinto medo nem culpa
porém busco uma desculpa
por ser tão contraditória!
Nas falhas de meu caminho
eu me vejo assaz perdida.
Nos tropeços desta estrada,
em páginas rudes, rasgadas eu escrevi minha vida!





Quem se importa?

Quem se importa com o bater do meu coração?
Se a minha vida é um silêncio de páginas em branco?
Sem palavras... Sem gestos e sem emoção
Não há nenhum desafio e nada que cause espanto...
Não há ninguém que olhe quando me entorpeço
Se posso dizer sim... Ou preciso dizer não
e despojada de tudo... me despedaço...
Contra as escarpas afiadas de tanta negação...
Quem se importa, se meu pensamento corre veloz
e a cada instante meu único desejo é inerte ficar
E minha alma grita... E se vira do avesso...
E meus olhos jorram lágrimas sem parar.
E nesta encruzilhada de sentimentos... quem se importa?
A noite empalidece... saudades ficam ausentes
Tento deixar quietos meus pensamentos
Despojados de toda a luta... transparentes!
Hoje pouco me importa tanto egoísmo e maldade
Mas muito sofro quando rasgo meu inquieto coração...
Jamais recordarei ou terei na vida saudade
Dos momentos alegres ou da minha eterna solidão...
O egoísmo são palavras que ferem as páginas em branco
Saltam com violência no que sinto e vejo... longa imensidão...
Surpreendem-se no explorar dos meus sentimentos
e eu sinto alívio escrevendo este meu triste canto
E quem se importa se desejo somente ir embora
Para ninguém ouvir as batidas deste meu coração!...





O Fio de Prata

Meu andar é hoje tão hesitante,
Sem atropelos e sem agilidade.
Minhas mãos não tem mais a firmeza de antes e,
minha audição é hesitante e cheia de fragilidade.
Tenho que me esforçar para ouvir bem o que me dizem
e procurar fazer-me entender....
Não sou mais perfeita nas coisas que faço
e não faço mais o que quero fazer.
Minha visão está opaca e difusa
e meu entendimento escasso.
A paciência é como águas rasas,
Falta-me o pouco que a vida me deu.
Se minhas mãos estão trêmulas e derrubo coisas pelo chão,
perdoe-me, mas não domino mais minha razão.
Não fique irritado , tento fazer o que posso,
mas faça de conta que nada vê.
Tenha paciência para conversar comigo
Partilha um sorriso apenas compreensivo
seja solidário, compreensivo e um bom amigo.
Guardo em mim coisas do tempo de criança,
Lembranças que não perceberam o passar dos dias.
Por fora sou idosa mas por dentro uma gama de esperança.
Se estou doente, sinto-me um peso, um fardo...
mas não me abandones, estou apenas em contagem
uma contagem inexorável e regressiva
O fim de todas as coisas se aproxima cêlere
apenas uma preparação para o romper do fio de prata
e finalmente o último e eterno adeus.





Num Piscar de Olhos

É de repente que vem a realidade e tudo fica tão simples que assusta. Estou perdendo as necessidades, os desejos e as perspectivas de vida. E tudo isto vai reduzindo a minha bagagem de vida. Apenas guardo as belas coisas que o tempo não pôde corroer, as opiniões dos outros não importam tanto como antes. Estou vivendo e convivendo com limitações, antes tão diferenciadas. Se olho no espelho, esta senhora que vejo não é a mesma que continua latente por dentro, cheia de sonhos, esperanças e uma enorme carga de conhecimentos.

A vida não foi clemente, mas a sabedoria e a valentia fez valer a pena lutar tanto e conquistar a dignidade da idade.

Nada tem importância, Vou abrindo mão das certezas, pois agora não tenho certeza de nada. Isto não incomoda, se as pedras do caminho já estão em fase de acabamento. Parei de pensar no certo e no errado, no hoje e no amanhã, é tudo igual para quem conta os dias nas pontas dos dedos. E tudo que desejo é poder ser fiel a minha fé e em tudo o que me aguarda. Num piscar de olhos passarei a viver um novo tempo, onde o sorriso será eterno como é eterno Aquele que contou os meus dias nas palmas de sua mão, e murmurou com carinho em meus ouvidos: “Está consumado”.





SIBONEY DEL REY
VENEZUELA

La india y la negra que llevo por dentro

La india y la negra que llevo por dentro,
hacen de mi sangre fuego,
de mi sentimiento,
un grito rebelde y justiciero.

Me llena con aromas de amaranto,
de azahar,
de cacao,
de café,
de canela,
de caña dulce,
de maíz...

¡Porque despierto la vida cuando es delicia de verdad!
¡Soy hija de la tierra!
¡Soy hija de la noche!
¡Soy hija de la luna y del sol!
Guardo junto a ellos infinitos secretos,
al sentirme libre como el viento.

La india y la negra que llevo por dentro,
hacen de mi canto,
una hermosa resistencia.
Hacen de mi poesía,
mil batallas que nunca terminan.

Hacen de mi cuerpo,
la más perfecta obra de arte.





Hace de mi alabanza,
una bendición de los dioses.
Cuando siento que retumban los tambores,
encienden mi espíritu libertario,
mi fuerza,
mi batalla,
mi sueño,
mi alegría,
mi encanto...
que me dieron mis ancestros.

¡Y por eso tengo la india y la negra que llevo por dentro!
Orgullosa es la raza,
cuando se lleva con identidad y respeto.
¡Así muera blanca,
llevo la india y la negra que tengo por dentro!





Miguel el indignado

Miguel:

Camarada, hermano, compañero, poeta...

La España que soñaste
con vientos de paz y de libertad,
con soles de justicia y esperanzas,
con estrellas fraternas y solidarias...
¡Ahora un estallido de dolor que embarga!

Ni reyes,
ni gobernantes,
ni políticos,
ni religiosos,
ni don nadies...
¡No hacen nada para salvarla!

Crisis,
miseria,
desempleo,
injusticias,
impotencias...
¡Hacen de las suyas con tu pueblo!

Miguel:

Camarada, hermano, compañero, poeta...

¿Dónde estás, pregunto yo?
¡Un estallido hecho pueblo,
hacen revolución!

¡La revolución de los indignados!
¡Estás ahí, hecho millones
quienes sufren las desgracias de la crisis,
que llevan a tu pueblo a la miseria!





En cada indignado,
veo tu rostro,
veo tu lucha,
veo tus sueños,
veo tu poesía,
siento tu rabia,
siento tu dolor,
siento tu impotencia...

¡Porque han hecho del destino de tu pueblo,
una mala jugada!

Miguel:

Camarada, hermano, compañero, poeta...
¡Cuando un pueblo se alza, la justicia tiembla!
Tu lucha siempre fue buena
y los enemigos de tu patria,
la silenciaron.

¡Tu lucha es la de millones de indignados,
y jamás la acallarán,
porque no se puede jugar con el hambre del pueblo!

Miguel:

Camarada, hermano, compañero, poeta...
¡Los que luchan y mueren por la vida,
no pueden llamarse muertos!





El Niño de Sarajevo

El niño de Sarajevo,
vivió el horror de la guerra.
Perdió a su madre y a su padre.
¡Iba como en alma en pena
buscando quién lo abrace!

Yo tenía 14 años,
cuando estalló la guerra en Sarajevo.
Ví el rostro de ese niño
y el alma me estalló en pedazos.

¿Quién te dará amor de madre?
¿Quién te arrullaría en sus brazos
y te cante una canción para que duermas?
¿Quién te levantará todas las mañanas con un beso
y te lleve a la escuela?
¿Quién te enseñará a rezar el Padrenuestro,
para que los ángeles de cuiden? ¡Ay Niño de Sarajevo,
mis lágrimas de muchacha
también fueron mi verso!
No pude soportar ver tu silencio
hecho dolor,
hecho rabia y desconsideración.
¿Por qué mataron a tus hermanos,
a tus padres
y destruyeron tu escuela?

El enemigo nunca se condeule
del dolor ajeno.
El enemigo ríe con el dolor,
con el hambre,
con el llanto...
¡de todo un pueblo!





¡Ay Niño de Sarajevo!
¿Qué corazón te abrigará en un pecho,
al darte un hogar
y ese inmenso amor del bueno?

Pasaron más de dos décadas,
cuando estalló una guerra en Sarajevo.
En pleno siglo XXI,
se siguen matando inocentes niños
y bombardeando pueblos.

¿Por qué Dios mío,
se permite que destruyan el sueño
del hombre y la mujer del mañana?
¿Qué planeta vamos a darle,
si le matamos su humanidad?

Si el niño de Sarajevo existe,
en algún lugar del mundo
estará luchando todo un hombre,
lleno de valor y dignidad.





TATIANA NASCIMENTO

BRASIL

Quase outono

das (d)existências:
tem resposta que demora
(y tem demora que é resposta)
“una embriagadora felicidad marina”

mi
lagre de mar
lágri
mas de areia deserto se foi?
a mão da manhã
abre o céu e diz
vem (para o sol)
se lar
gue amar
gar
garantia nenhuma
receber pra se dar:
a noite é o sonho
de escuridão
do céu
pero ni por eso,
nem por isso,
tem medo
de acordar.





Primavera

o amor é uma tecnologia de guerra (cientistas sub notificam arma-biológica) indestrutível::

a urgência dos nossos sonhos não espera

o sono chegar: isso que a gente faz deitada

chama revolução.

sua palma, em linhas pretas, dança calor na minha pele (cores tortas, que somos).

isso que aparenta um segurar-de-mãos ousado não é declaração de posse ou de mero par, casual que fosse, nem só demonstração de afeto pública carícia brusca contra essas tropas, brutas (eles quase que nos somem),

é nossa arma de guerra, “mana minha”, minha amiga, desejada amante,

y essa eles não vão adular desativar corromper deturpar denunciar na ONU caçar como terroristas

capitalizar sabotar (re)acionar - essa eles não podem não querem y nem saberiam acionar - essa é química

hormonal

visceral

astral

usa fonte de energia renovável (“friccional”)

é inesgotável reciclável tem garantia ancestral

o nome dela anda meio banal,

“amor” (se bem que a prática tamos reinventando...), mas ainda é nossa maior

tecnologia (y a mais vasta) en contra y adelante

a escassez dessa cruzada. e eu não tenho

medo: cada peito como o nosso a briga a força de mil granadas y mesmo assim nem se forçadas paramos de lançar primaveras pelos ares (agourentos que eles cavam)

eu acho que faz tempo que sonhamos acordadas, que nossa paz é barulhenta,

que da areia dos nossos olhos insones a noite fabrica suas pérolas (de amor, e de outras guerras):

e elas brilham como nós





VICENTE FERRER

BRASIL

Toda Mudez Será Perdoada

O que te faz
querer andar nua
pelos aposentos
da morada de Deus?
O que te faz pensar
que eu estou presente
para contemplar
tua nudez?

Por acaso
será minha surdez
na nudez sórdida
dos lábios não beijados,
ou a nossa cegueira
diante da luz
do olhar de Deus?

Senhora,
despir-se inocente casta e pura
é revelar a essência dos Anjos
resguardada num corpo
de menina mulher moça
na alma do amor (...)





ZÉ ABREU

PORTUGAL (3º LUGAR CONCURSO NÓS DA POESIA - 2018)

(Tempo)raria(mente)

(Tempo)raria(mente)
Penso apenas como passar o tempo
Mas o tempo passa e não volta
Aos dias que pareciam não ter fim.

(Tempo)raria(mente)
Há fases que a mente almeja
Transformar o mundo em algo eterno.

(Tempo)raria(mente)
Estou desapontado com as palavras que ferem o silêncio.
E sem tempo para me abrir
Ao mundo dos que não me fazem poetar.

(Tempo)raria(mente)
Há que podar as partes desnecessárias
Para renascermos com mais vigor
E abrir sorrisos nas caras empedradas.

(Tempo)raria(mente)
Encontro-me fechado
Para o mundo de algumas pessoas
Que não se querem abrir.





Memórias

As memórias são os segredos
Que vivemos e não esquecemos
Como parte sábia da viagem
Que nos trouxe em sague, até cá.

A memória é o fruto da alma
Que alimenta a vida diária dos que continuam sobre a terra
Semeando a poesia da verdade que teima em vencer.

Temos a memória em dia
Porque vivemos sempre no presente
Sem esquecer o passado
Que nos expeliu para a luz sangue deste mundo.

Entramos na lucidez da idade
Quando as memórias crescem com os anos.

Pois as memórias são os músculos do tempo
Que os anos não apagaram.

Por vezes são cicatrizes que nos embelezam
E acendem luzes na fonte da saudade.





Valorização da vida

Brilhamos mais com aquele abraço que tem muito valor para a vida.

Hoje valorizo mais o simples e bonito, pois sei que amanhã pode ser tarde demais para agradecer.

Há que lutar pelos sonhos que orientam os passos
Que nos mantêm de pé.

Corro porque a vida passa rápido como o vento
E deixa-nos marcas em brisas ou vendavais.

Vivemos mais
Quando ouvimos o zumbido das abelhas
Que anunciam o mel da vida.

Vivemos mais
Quando valorizamos o sorriso e o espaço do outro.

Vivemos mais
quando não temos medo de sonhar,
Dizer e ouvir.
Quando buscamos o bem
E pintamos cada dia com novatas cores.

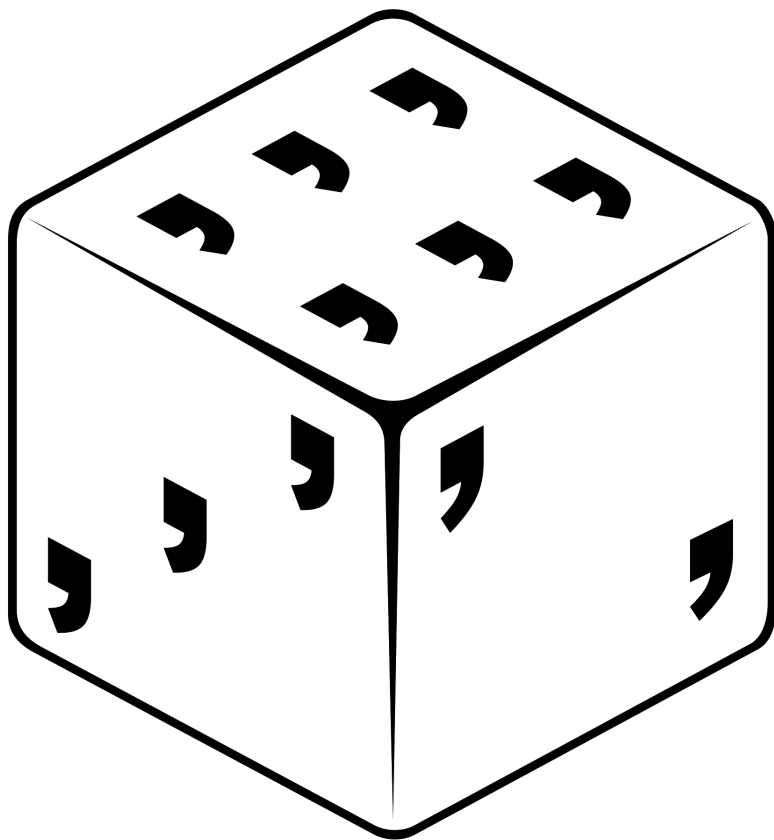




Velhice

O espelho mostra-me o mapa das rugas
E eu vejo que as rugas são rios de memórias
que desaguam no longo oceano que percorre os canais da vida.
O inverno da idade acalma-nos
E faz-nos trilhar o mundo de mãos dadas Para o bom
amadurecimento da alma.
As linhas do rosto dizem mais do que qualquer palavra
Pois chegar à velhice é entrar na aurora de mais sabedoria.
Chegar à velhice é estar como nunca, vivo para a vida.
É saber olhar para trás com gratidão
E para frente com tamanha confiança.
No entanto, com os olhos cheios de ausências Vejo que os
cabelos tornaram-se brancos Porque deixaram para trás, a cor
A embelezar o vigor da humanidade.
A velhice é o melhor presente que nos dá o passado.
É a idade mais bela da vida.
É o tempo da saudade em flor
Agasalhado na idade dos sonhos
Porque os sonhos não têm idade.





Outro Lance de Dados
Tchello d'Barros

